

Resenha Crítica:

A viagem, caminho e experiência.

Revista Rosa dos Ventos
5(4) 659-662, out-dez, 2013

© O(s) Autor(es) 2013

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

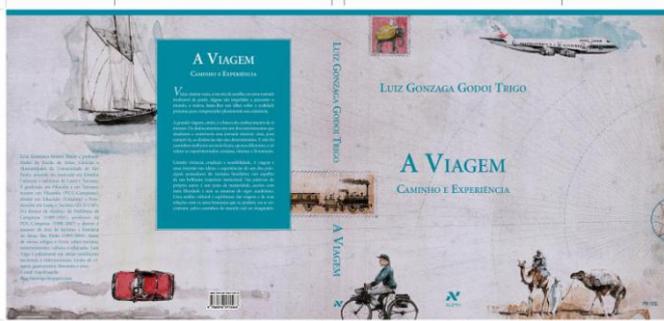
Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Mário Carlos Beni¹



Trigo, Luiz Gonzaga Godoi.
(2013). *A viagem – caminho da experiência*. São Paulo: Aleph. PP 176. ISBN 9788576571568

Justamente porque gira o olhar, os viajantes sempre se preocuparam em estudar seus predecessores e em proteger seus sucessores. Trata-se de um pacto, um contrato que alinhava o tempo, submetendo o espaço. Contar para o amanhã, como era ontem. Dizer como chegar. Tendo chegado, dizer o que fazer. Tendo algo feito, dizer como partir. Ou simplesmente relatar a própria experiência e com ela instigar sua (impossível) repetição. Assim, desconhecidos tornam-se íntimos amigos, enquanto amigos aprofundam o que sabem. As mais antigas narrativas constituem os diários, as reportagens de andanças, os conselhos aos caminhantes, os alertas aos chegantes, a paixão de estimular para que se repita, mais uma vez de forma inédita, a experiência de viajar.

Plotino na antiguidade romana já afirmava que 'o olho não vê o que o espírito não sabe'. De fato, preparar o olho, para que veja, é enriquecer o espírito que sabe, e mais sabe o espírito do olho que bem vê. Enfim, olho e espírito são símbolos dos símbolos, aquilo que os gregos chamavam de *cymballon*, que constitui uma moeda partida em duas metades por um corte belo e sinuoso, cuja função é lembrar a cada metade, a ausência complementar da outra.

¹ **Mário Carlos Beni** - Doutor. Professor na Universidade de Caxias do Sul e Universidade de Brasília. E-mail: beni@usp.br

A expressão do viajante que Trigo nos traz expõe, com perfeição, o fluir das viagens. Agrega-se nesse autor-turista que, detendo momentaneamente o curso dos fios das Parcas, para libando o instante precioso da inspiração despertada ao antigo mestre o prazer de fazer-lhe este Prefácio. Andanças, paradas, encontros do si para si ajazem o corcel das tropelias em torno dos marcos evolutivos do humano, peregrinar em busca do lar perdido dos eternos viajantes, poucos é claro, mas, de titânicas configurações.

O símbolo grego deixaria de fazer sentido se, por traz de uma de suas metades, não estivesse a segurá-las o deus do Entusiasmo, companheiro eterno das grandes mentes humanas doadas pelo Olimpo. Continuando em Plotino, despido eis que me reduzi das formas mentais e dos condicionamentos culturais, retransfigurando-me em homem universal a compartilhar diferenças de egos em voos quase siderais. Retomo o atávico destino dos antecessores, como ainda muitos caminhos a serem abertos e revelados, aos leitores e viajantes deste guia pela senda histórica das viagens.

Viajar é abrir novos horizontes, conhecer outras culturas, lugares e paisagens. A viagem rompe a rotina do cotidiano, revela novos cenários e traz para a nossa vivência expectativas sempre surpreendentes. A viagem é um movimento externo e interno a nós mesmos. Externo porque nos deslocamos no espaço físico e no tempo. Interno porque nosso imaginário segue na frente, instigando pensamentos e emoções, preparando-nos para viver o inusitado em experiências e tornando-nos pioneiros de nós mesmos.

Trigo nos faz sentir assim em seu livro *A viagem, caminho e experiência*.

Raros são os autores acadêmicos que deixam seu talento crescer livremente, cultivando-o em cada linha de seu texto numa caminhada alimentada pela adrenalina e o imaginário. Apenas quem tem uma sólida cultura e erudição poderia produzir um livro como este. O autor descreve com desenvoltura e as palavras fluem aos borbotões, revelando fantásticas histórias de viagens e viajantes, muitos dos quais desconhecíamos ou já nem lembrávamos.

A arte de escrever e expressar bem o pensamento em palavras terá sempre êxito garantido, mas a habilidade de descrever a complexa e insólita dimensão do imaginário é destreza para poucos. Trigo consegue, com rara agudeza, construir o caminho, o imaginário e a experiência com o suporte de sólido conhecimento e informação contextualizada no tempo cronológico do relato histórico e no tecido geográfico do espaço. Ao mesmo tempo em que interpreta a dimensão filosófica, oferecendo ao leitor uma completa visão do assunto tratado com todas as comunicações pertinentes.

Tem, também, o olho clínico e a capacidade incrível de garimpar na literatura universal autores que registraram memoráveis histórias, muitos dos quais conhecidos, mas que nos surpreendem, quando focados sob a lente das viagens e do turismo. Por exemplo, confesso que nunca imaginei Nietzsche falando sobre a gastronomia do Piemonte na Itália.

O autor discorre com perícia e contextualidade dialética sobre escritores, pintores, atores, compositores, jornalistas e fotógrafos. Destaca com propriedade a viagem como experiência, aprofundando no eixo conceitual de sua complexidade e subjetividade. “A viagem, entretanto, como uma ciência maior e profunda, nos traz de volta para nós mesmos”.

Como um hábil cirurgião, Trigo desseca o intrincado tecido das viagens, filósofo, turismólogo e destacado escritor consegue, com rara argúcia, achar e juntar as palavras certas para

descrever a ruptura do cotidiano e, ao mesmo tempo, o encontro com nossas expectativas e desejos. Enunciando Zaratrusta, lembra Fulop Miller em *Os grandes sonhos da humanidade* e discorre sobre o começo da fantástica viagem humana sob a égide do medo e do estranhamento, recordando o filósofo Pascal e Howard Philips Lovecraft.

Dessa narrativa inicial, descreve o destemor daqueles que se aventuraram pelas trilhas do mundo desconhecido. Transcorre, ainda, do valor do medo nas viagens de Albert Camus, ao prazer triste e parcialmente masoquista de Theroux. Descreve sobre a rica interpretação de Chevalier sobre o centro de uma igreja que é chamado nave, não apenas pela sua forma de casco de navio invertido, mas, pelo simbolismo do convite a uma viagem espiritual.

Retorna a Buda, lembrando a grande viagem interior, tendo feito a travessia com mais consciência rumo à outra margem da existência, talvez até o Nirvana. Relembra Ulisses que retorna à Ítaca na grande viagem de busca do conhecimento de si mesmo, até o Oráculo de Delfos. Perde-se nas brumas do tempo, reencontrando Bilbo e Frodo e o Senhor dos Anéis. Retoma seu roteiro de viagem nos mitos babilônicos de Gilgamesch em 1900 a.C., depois com os gregos, desde a Odisseia até Jasão e seus Argonautas. Trabalha a percepção e interpretação das viagens épicas que são a matriz das experiências que todas as viagens gostariam de proporcionar.

O viajante é um mercador da luz, comenta Amin Maalouf, em *O jardim da luz*, ao descrever a vida de Mani. Refere-se à batalha entre as trevas e a luz, e que cabe ao ser humano fazer com que as trevas retrocedam e facilitem o brilho da luz divina, assim como Michelangelo o faz nas cenas iluminadas dos pórticos de luz divina. Cita, igualmente, Roger Bacon, o filósofo que elaborou a teoria sobre a primazia da luz para a inteligência e a sensibilidade humana.

Descreve as ilhas como os primeiros grandes obstáculos conquistados pelos homens. Um dos destinos mais encantadores no imaginário dos tempos é o caudal de águas dos rios e oceanos, que envolvem as porções de terras e gelos eternos.

Trigo rememora Abraão e Moisés no longo caminho do judaísmo ao cristianismo, uma jornada expressa nas solitárias trilhas dos desejos, em busca da iluminação, seja pelas romarias, procissões ou Cruzadas. Lembra-nos, ainda, do viajante do Império em Enéias, personagem da *Ilíada* de Homero e da *Eneida* de Virgílio. Claro que não poderia esquecer-se de Dante Alighieri e sua *Divina Comédia*, e suas viagens ao inferno e ao Purgatório tendo Virgílio por guia.

Celebra a Itália, como moderna fonte de inspiração de viagens e da Europa como o mundo moderno, nascido sob influência da ciência, uma atividade nova, aos pouco sobrepujando a filosofia aristotélica e tomista. Passa pelas viagens do tempo médio descrevendo os mosteiros e catedrais, as ilhas de cultura do século X, as peregrinações, o roteiro de Santiago. Relembra-nos o *Grand Tour* da jovem nobreza. Adentra a busca das paisagens, as contradições entre natureza e cultura.

Chega as viagens pela América sonhadora do século XX – relata-nos a América Latina descrita por Alexandre von Humboldt – a aura mística do Continente, culminando com as viagens pelas paisagens brasileiras do historiador Sergio Buarque de Holanda, e encerra com estranhos destinos e personagens deixando-nos aquele sabor de suspense.

Trigo faz uma longa e extraordinária viagem bibliográfica por textos de autores que escreveram sobre viagens, compilados em suas habituais leituras, preparando-se durante anos

para sua prova de erudição, parte das exigências para o concurso de Professor Titular da Universidade de São Paulo. Para aqueles que o conhecem não constitui surpresa. Quando não está em sala de aula debatendo com seus alunos ou dirigindo seu carro, está lendo em algum lugar: em casa, no avião, trem, ônibus ou em algum lugar do mundo. Esse costume deu-lhe uma brilhante erudição, permitindo em suas aulas, palestras e sobretudo em seus escritos, a riquíssima contribuição que sempre nos traz em livros como esse, ampliando sua rica bibliografia e oferecendo-nos sempre surpreendentes revelações.

Boa leitura! Viaje com ele nessa instigante e, fantástica aventura.

Eu já o fiz!